

O selvagem poderia ter falado?
Ou das condições estruturais
de uma educação

Leandro de Lajonquière

Victor – a criança selvagem d’Aveyron – de cuja educação Jean Itard se ocupou entre 1801 e 1806, não é a primeira criança isolada do convívio social da qual temos conhecimento, nem tampouco a última. Segundo o recenseamento de Strivay (2006), a listagem de *selvagens* vivendo sozinhos ou acompanhados de animais alastra-se no tempo. Não obstante, Victor entrou na história. O seu caso fez escola na medicina, na psiquiatria infantil e na pedagogia. As razões para tanto fincam suas raízes na persistência de um desejo que viaja no tempo, assim como Freud o dissera da peça dramática de Sófocles – o Édipo.

O menino não foi encontrado casualmente vagando sozinho na natureza ou apenas fugido de um armário:¹ ele era

1. Referência ao menino francês David Bisson, sequestrado pela mãe, e que permaneceu em um armário, durante oito anos. Ele consegue escapar em agosto de 1982 quando a mãe se esquece de trancar a porta. A imprensa o nomeou “a criança do armário” [*l’enfant du placard*].

buscado. Não somente um bando de caçadores estava à sua procura por ter roubado galinhas nas granjas da vizinhança, como fundamentalmente o ideário de época e seus intelectuais também esperavam dar de cara com ele. Na virada do século XVIII para o XIX, os homens de ciência tinham, antes mesmo de tomar conhecimento da existência real do menino, fundado a *Société des Observateurs de l'Homme*. De fato, eles não esperavam pela chegada de um *selvagem*, esperavam civilizadamente pela concretização de um sonho difuso que respondia pelo nome do Homem natural (Lajonquière 2010).

Quando a criança foi capturada em Saint-Sernin-sur-Rance (região do Aveyron), os cientistas da *Ville Lumière* solicitaram seu traslado para a capital francesa. Logo concluíram que não se tratava do sonhado homem natural. Dentre os membros dessa sociedade científica encontrava-se o médico recém-graduado Jean Marc Gaspard Itard. Foi ele quem decidiu, em certo sentido, deixar de lado a observação apreendida pela sociedade para assim botar mãos à obra, dedicando-se com engenho à educação do menino. Tomou então para si esse sonho difuso de época, bem como a frustração de que o encontrado não era bem o homem dos sonhos. Mas, tratava-se de um *selvagem*?

A ideia em si de *criança selvagem* resulta de um cruzamento de esperas. Embora possa se considerar excessiva a hipótese de que prevalecia na França pré-revolucionária certa indiferença com relação às crianças, temos de reconhecer a Philippe Ariès o mérito de ter mostrado a relatividade das condutas consideradas socialmente aceitáveis no campo da educação. Nesses tempos, o abandono de crianças era de fato a regra social. O espírito da época estava, então, tomado pela espera do retorno daquilo que havia sido recalcado no próprio gesto do abandono generalizado de crianças.

Talvez a própria chegada de toda criança ao mundo não possa senão frustrar os sonhos adultos de naturalidade. Assim, esses herdeiros do Iluminismo não podiam não optar

entre ou reconhecer a natureza alucinatória do sonho ou pretender seguir sonhando acordados. Justamente, tendo como pano de fundo o homem cheio de bondades naturais, Victor só podia ser um *selvagem*. O retorno do recalcado do sonho das Luzes – a impossibilidade de seu próprio sonho – acabou dando corpo e alma à criança *selvagem*. Assim, a época procurava por contraste o “seu” *selvagem*.

Não obstante, embora muitos esperassem pelo *selvagem*, se não fosse pelo interesse e dedicação de Jean Itard, a criança encontrada no Aveyron nunca teria ganhado um lugar na história. Talvez, não muito mais que o próprio médico, se este por sua vez não tivesse se ocupado dela. De fato, a *educação do selvagem* fez dele um médico da burguesia endinheirada de Paris. Mas, se a fortuna não traz a felicidade – como se diz –, ela tampouco garante o lugar que Itard acabou ganhando na história: um modelo de cientista e pedagogo a ser seguido pelas gerações vindouras. Porém, se ainda recordamos Itard, é pelo fato de ele ter ousado justamente naquilo ao qual devemos renunciar, quando se trata da educação de uma criança.

Uma educação torna-se possível a partir do momento em que um adulto decide não abandonar a criança que a vida lançou nos seus braços, mas esse gesto nada diz de como ele vai se implicar subjetivamente nessa tarefa. Justamente, se a educação da *criança selvagem* conquistou um lugar na história, isso ocorreu devido ao tipo de engajamento do médico: ele não retrocedeu diante do sonho de fabricar o outro à nossa imagem e semelhança, supostamente sempre completas. A teimosia desse sonho e a engenhosidade pedagógica sem fim, porém, acabou por perverter as condições da educação do menino. Qualquer adulto – pai, mãe, professor, educador *etc.* – deve precisamente renunciar a si mesmo para que, desse modo, uma criança possa vir a conquistar um lugar de enunciação numa história, isto é, que possa vir a falar em nome próprio e assim dizer a que veio ao mundo.

Nesse sentido, embora a história da pretendida educação de Victor tenha ganhado um lugar na história, não se pode afirmar o mesmo do garoto. De fato, Victor não conquistou lugar algum para si. Chegou tão só a ser o selvagem para outros. No entanto, não se pode dizer que não o tenha tentado, que não tenha feito a sua parte para não ficar colado ao lugar de *selvagem* que a época e Itard lhe reservavam.

A decisão de Itard de se engajar na educação do menino é um gesto revolucionário. Não tanto pela razão que ele mesmo esgrime, no sentido de que a sociedade devia se ocupar dele uma vez que o tinha arrancado da felicidade de habitar nas florestas, mas pelo fato de ter sugerido a hipótese contrária à sentença proferida por Philippe Pinel. Quando o menino chegou a Paris, foi examinado por ambos os médicos que, por sinal, não eram simples colegas: Pinel já era professor e chefe de serviço hospitalar e tinha o renome que Itard não só não tinha quanto almejava algum dia ter. Pinel concluiu que o menino era tão idiota quanto aqueles trancados no hospital de Bicêtre. Mais ainda, ele aventou a hipótese de que, pelo fato de ter padecido de idiotia – doença degenerativa incurável –, o menino fora abandonado pela família. Pinel já era um homem de seu tempo. Talvez, não pudesse ser diferente. Tendo já retirado as correntes aos loucos e, portanto, lançado as amarras da instituição da psiquiatria, não podia senão já ter passado seu momento de glória. No entanto, Itard ainda tinha a tentar sua pequena grande revolução. Assim foi, então, que supôs que o menino, embora se parecesse com um idiota de Bicêtre, de fato não o era. A semelhança era resultado, segundo ele, do isolamento do convívio social e, portanto, o quadro era possível de ser revertido. Ideia ariscada, mas hoje sabemos não ser totalmente descabida, se concordamos que, além da impossibilidade de se apagar de vez a vida já vivida, em princípio não está fechada para ninguém a possibilidade de vir a usufruir um destino diferente daquele reservado pela psicose, pelo autismo, pela debilida-

de mental ou o que for.² No entanto a história acabou, de fato, reservando um destino funesto para Victor. Por quê?

Minha hipótese é de que, além do tom revolucionário da aposta itardiana, na engenhosidade do médico aninhava-se também um desejo de repetição da mesmice encarnada por Pinel. Talvez a sorte do menino tenha sido cifrada na aposta entre ambos os médicos. Enquanto, para o mestre Pinel, se tratava de um idiota sem remédio, para seu discípulo Itard o menino não só não era o que se pretendia, quanto ele mesmo detinha o segredo do remédio destinado ao garoto. Itard tanto buscou, obstinadamente, ganhar a aposta, que acabou, por caminhos tortos, dando razão a Pinel. Em certo sentido, fez o mesmo que aqueles pais, que pretendendo fazer com seus filhos o contrário daquilo que supõem que os seus fizeram de ruim com eles, acabam, de fato, repetindo, sem diferença alguma, as marcas do que a história familiar tinha justamente de pior.³

A *medicina moral*⁴ administrada por Jean Itard ao menino não passou de uma espécie de arapuca pedagógica que recusava a ambos a possibilidade de virem a se deslocar dos lugares previamente reservados: o de civilizado para um e aquele de selvagem para o outro. Assim sendo, a experiência não podia não caminhar para seu fracasso anunciado.

A comparação desta história com outra que tinha tudo para dar no mesmo, mas que acabou possibilitando para as

2. Pelo contrário, esta possibilidade é rechaçada pelo discurso médico-hereditário que faz da criança um eterno deficiente, porém, hoje em dia, respeitado na sua diferença.
3. Os psicanalistas que hoje em dia, na esteira dos fundadores da pedagogia especial no século XIX, fazem de Itard um precursor a ser seguido no campo dos debates sobre a inclusão escolar desconhecem, então, as nuances da experiência itardiana. Assim sendo, não se trata de escolher Itard no lugar Pinel, nem este em detrimento do primeiro.
4. "... essa arte sublime criada na Inglaterra pelos Willis e pelos Crichton e espalhada recentemente na França pelos sucessos e pelos escritos do professor Pinel" (p. 171*)

protagonistas darem a volta por cima – como se diz – nos ajudará a entender o fracasso da educação *à la Itard*. Mais ainda: o fracasso desta, por sua vez, lançará luz sobre o sucesso da primeira. Ou, se preferirmos, o contraste entre ambas as experiências educacionais nos permitirá examinar as condições necessárias para que uma educação possa de fato vingar. Em outras palavras, o contraste ilustrará aquilo que não deve ser feito numa educação, caso queiramos não implodir o conjunto das condições estruturais que a tornam possível. Essa outra história é aquela da educação de Helen Keller: menina surda e cega, desde os dezoito meses de vida, que aos sete anos de idade se encontra com uma jovem educadora sem experiência profissional alguma – Anne Sullivan – em Tuscombina no estado de Alabama, Estados-Unidos, certo dia de 1887.

* * *

A educação de Victor adquiriu um lugar nos anais da ciência, particularmente no campo da psiquiatria infantil e na pedagogia especializada. A obstinação do Dr. Itard foi, de fato, um elemento chave na história da constituição de ambas as disciplinas emergentes nessa época. Dos membros da *Société des Observateurs de l'Homme* aos parisienses curiosos que se amontoaram para ver chegar o menino, passando pelos médicos-pedagogos Édouard Seguin e Maria Montessori, que elevaram posteriormente Itard ao estatuto de precursor, todos se interessaram pela educação de um *homem selvagem* ou do *jovem selvagem do Aveyron*, conforme o próprio médico costumava referir-se ao menino. A esses primeiros se somaram, no decorrer do tempo, uma série de pedagogos, linguistas, psiquiatras e mesmo psicanalistas, como Octave e Maud Mannoni (1973). Em suma, a saga científica de Jean Itard reteve, bem como ainda retém, o interesse de muitos.

Ao contrário, a educação de Helen Keller, para além de ter suscitado alguma curiosidade aqui e acolá, nunca instilou semelhante clivagem na história das epistemes. Da mes-

ma maneira, a jovem Sullivan nunca foi considerada fonte de inspiração em matéria pedagógica e científica como Itard. A educação da pequena Keller talvez nunca tenha ganhado brilho nos debates acadêmicos, particularmente na França onde ela é relativamente ignorada, porque teve lugar longe da burguesia parisiense, num vilarejo perdido na imensidão rural da América do Norte, pouco tempo após a Guerra de Secessão (1861-1865). Ou, talvez, tenha sido simplesmente pelo fato de Anne Sullivan não pertencer nem à confraria médica, nem à pedagógica.

Essas duas experiências pedagógicas se situam como antípodas uma da outra. À primeira vista, pensamos que as chances de Helen vir a falar sendo surda e cega seriam mínimas, contrariamente a Victor, que não sofria de deficiência sensorial alguma. O exame por contraste permite situar e interrogar a diferença entre ambas as experiências. Minha ideia é que, considerado o conjunto das condições de possibilidade de educação de uma criança, a maneira que temos de lhe endereçar a palavra, de falar com ela, constitui precisamente um elemento *princeps*. Mais ainda, o endereçamento da palavra à criança, isto é, a forma de educá-la, diz respeito à posição inconsciente do adulto com relação à castração e ao desejo, sempre interpelado pelo fato mesmo de ter que se ver com uma criança na educação.

Recordarei sumariamente alguns elementos desses dois episódios. Um simples paralelismo já nos permitirá situar de entrada o conjunto das condições de educação de cada criança.

- Jean Itard era um jovem médico, diplomado de fato após ter se desempenhado como cirurgião nas tropas de Napoleão, enquanto Anne Sullivan era uma jovem sem diploma, apenas saída do colégio para cegos da cidade de Boston.
- Victor era uma criança de aproximadamente 10 ou 12 anos, capturada no bosque, considerada clini-

camente normal por Itard, mas *selvagem* do ponto de vista psíquico e moral. O tratamento prescrito foi, então, o da *medicina moral*. Por outro lado, sabe-se que Helen Keller nasceu com boa saúde e que, perto de fazer dois anos de vida, ficou cega e surda por conta de uma infecção. Anne Sullivan dirá, quando do primeiro encontro entre ambas em um dia de março de 1887 (a pequena tinha sete anos), que se tratava de uma criança caprichosa, mas inteligente e desejosa de aprender.

- O ponto em comum é que nem Victor, nem Helen falavam quando do encontro com seus respectivos educadores. Jean Itard abandona o projeto de educar Victor ao cabo de cinco anos, tendo a convicção de que não havia mais nada a ser feito: o menino nunca falaria. O que, em certo sentido, acabou não se revelando totalmente falso, pois Victor ficou de fato condenado ao mutismo até seus últimos dias. Ele viveu até os quarenta anos em companhia da Senhora Guérin, antiga governanta da casa do médico. Ao contrário, Anne Sullivan e Helen Keller viraram amigas e nunca se deixaram. Embora a primeira tenha se casado, a segunda foi morar na vizinhança do casal. Helen ficou para sempre cega e surda, mas aprendeu diversas línguas de sinais, bem como inclusive as versões orais do inglês e do francês. Ela vira escritora na adolescência. Por sinal, será graças à publicação de seus livros que ficaremos sabendo algo do que pode ter se passado entre ela e sua educadora. Por seu lado, Anne Sullivan deixou cartas escritas a seus amigos na *Perkins School for the Blind*, em particular dirigidas ao seu diretor – Michael Anagnos –, mas é sempre graças a Helen que as podemos ler hoje em dia, pois ela as publicou após a morte de sua amiga. Helen Keller veio a falecer com 88 anos

de idade, após ter dedicado sua vida à promoção da educação das crianças com deficiência, particularmente cegas. Sobre a educação do *jovem selvagem* dispomos de dois relatórios escritos por Jean Itard, o primeiro destinado aos colegas da *Société des Observateurs de l'Homme* (1801) no intuito de informar-lhes as diretrizes da experiência, e o segundo (1806), encaminhado ao ministro do interior.

Finalmente, ambas as experiências educacionais foram levadas à grande tela. No belo filme francês em branco e preto *O garoto selvagem* (*L'enfant sauvage* 1970), o próprio cineasta François Truffaut interpreta o papel do médico. Certamente, todos nos lembramos das imagens do Dr. Itard tomando notas da experiência, sempre em pé e com total serenidade, enquanto a voz em *off* recita diferentes passagens dos relatórios escritos pelo médico. O encontro da pequena Helen e a jovem Anne inspirou, por sua vez, dois filmes nos Estados-Unidos, sendo adaptações dos livros *The story of my life – with her letters (1887-1901) and a supplementary account of her education, including passages from the reports and letters of her teacher, Anne Mansfield Sullivan* (1903) e *Teacher: Anne Sullivan Macy; a tribute by the foster-child of her mind* (1955). As versões originais desses livros contêm as cartas escritas pela educadora quando de sua chegada à casa dos Keller e constituem fontes preciosas de informação. Em 1962, o estadunidense Arthur Penn filma *O milagre de Anne Sullivan* (*The Miracle Worker*), portanto, alguns anos antes de Truffaut realizar o seu filme. Em 1979, Paul Aaron produz uma adaptação para a televisão norte-americana. Um detalhe que merece ser mencionado é que Patty Duke, a atriz que fez o papel de Helen na versão cinematográfica de Penn, encarna Anne Sullivan na versão para televisão. Trata-se tão só de um sinal dos tempos? Ou poder-se-ia ver nessa coincidência uma passagem de posição, isto é, daquela de discípula ou criança à outra de mestre ou adulta na segunda película.

Deixo esta questão em suspense para assim chamar a atenção do leitor sobre outro aspecto intrigante que diz respeito a como a película foi nomeada diferentemente dependendo do país onde seria exibida. Em francês a tradução da primeira película deveria ter sido *La travailleuse miraculeuse* [A trabalhadora milagrosa], porém o filme foi exibido na França com o título *Miracle en Alabama* [Milagre em Alabama]. A versão brasileira chamou-se *O milagre de Anne Sullivan*, enquanto que a versão portuguesa foi apresentada com o título *O milagre de Helen Keller*. Como podemos ver, todo mundo está de acordo num único ponto: esta história é de fato um milagre! Mas a discórdia é sobre quem seria o agente do mesmo. Os estadunidenses afirmam tão só se tratar de alguém que trabalha, os brasileiros acham que foi o adulto, os portugueses a criança e finalmente os franceses se abstêm de identificar o milagreiro da história, afirmando que o fato de uma criança cega e surda vir a falar constitui sim, um milagre, e que o mesmo teve lugar certo dia em Alabama!

Justamente, seguindo a pista do mal-entendido em torno do caráter milagroso da educação de Helen, poderemos interrogar o lugar da palavra no seio das condições de educação de uma criança, considerando, como um contraexemplo na matéria, o destino reservado a Victor. Em matéria de milagres, podemos de qualquer forma sempre identificar um agente. Então, quem realiza o trabalho milagroso da educação de Helen Keller? A pequena de sete anos? A educadora, catorze anos mais velha? Nem uma, nem outra. Ambas experimentaram a sujeição do milagre inerente ao trabalho da palavra em si mesma. Em outras palavras, isso que esteve em causa foi a operação da *função significante*, como diria Lacan (1953[1966]), que instaura a possibilidade de se fazer a experiência no interior do campo da palavra e da linguagem, de nos descobrirmos sempre outro. Ou, parafraseando a sentença lacaniana em *A instância da letra no inconsciente* (Lacan 1957[1966]), a função significante faz com que o sujeito não seja aí onde é o juguete de seu pensamento, pois ele é aí onde não se pensa pensar.

Embora a aventura pedagógica do Dr. Itard mereça um lugar de destaque nos anais da ciência, na realidade, aquilo que ela encena é o contrário do que deve ser feito na educação de uma criança. O sonho do médico de dominar a humanidade que jaz numa criança implicou a perversão das condições que fazem possível uma educação que se preze. Todo adulto deve precisamente renunciar a esse sonho para que uma criança possa vir a conquistar para si um lugar de enunciação, de palavra, em uma história em curso desde sempre.

Itard encarna o furor pedagógico que não reconhece a impossibilidade à qual Freud (1925[1973]) fazia referência quando se referia às três profissões impossíveis – a educação, a política e a psicanálise. Ele personifica o desejo pedagógico de se encontrar a criança ideal, desprovida de todo saber – e fundamentalmente do saber inconsciente – e disposta a ser liberada da ignorância pela graça do mestre que assim a converteria no seu clone invertido, isto é, num sujeito completo não sujeito nem à castração, nem ao desejo. O furor pedagógico anima o traçado de toda educação que se quer ideal e que, pretendendo levar adiante uma missão civilizadora qualquer, acaba paradoxalmente por perverter a educação mesma (Mannoni 1969[1973]). Ela se encontra pervertida, pois exige da criança seu próprio eclipse como sujeito animado pelo desejo para, assim, vir a merecer o reconhecimento do adulto sempre buscado em nome do amor.

Victor comunicava, respondia ao chamado, fazia-se compreender pela Senhora Guérin quando tinha fome ou quando queria sair para passear. Portanto, bem podemos afirmar que ele habitava efetivamente a linguagem. No entanto, Itard, embora admitindo que a criança se comunicava, não conseguia admitir que tal coisa fosse possível sem a “necessidade de nenhuma lição preliminar” (pp. 196-197*). Segundo ele, nada era possível fora do programa suposta-

mente científico. Assim, ele conclui que devia se tratar de uma “linguagem de ação (...) primitiva da espécie humana” (p. 197*) e, portanto, que Victor não habitava verdadeiramente o campo da linguagem. O garoto, porém, insistia em aportar a contraprova de que ele, de fato, o habitava. Ele chegou a balbuciar algumas palavras. O médico reconheceu o nome Julie – a filha da Senhora Guérin – quando Victor dizia “gli”, o substantivo *leite* enunciado com clareza, e finalmente a exclamação recorrente da Senhora Guérin “*oh meu Deus!*” quando o menino dizia “*ohh Diie*”. No entanto, ele não chegou jamais a falar, nem a engajar-se num discurso. Isso estava ao seu alcance? É impossível sabermos. Mas uma coisa é certa, o dispositivo pedagógico destinado a fazê-lo falar consistia, ao contrário, no aborto da palavra humana. Por sinal, talvez esse fracasso permitisse a Victor – apesar de sua obediência em outras tarefas pedagógicas – preservar algo do desejo que lhe dizia respeito na medida em que se recusava entregar a Itard aquilo mesmo que ele buscava obcecadamente – a palavra.

Jean Itard admitia que a palavra nos diferenciava dos animais, porém não entendia que o uso da mesma pressupunha a operação na criança de um sujeito ao qual o adulto tivesse, num tempo logicamente anterior, já reconhecido um lugar de enunciação numa história. Dessa forma, ele acabou embaralhando as condições da aprendizagem, isto é, da conquista da palavra. O médico agia no sentido contrário daquele que uma mãe segue, inconscientemente, quando metaforiza os sons balbuciados pelo *infans*, fazendo deste “o seu bebê”, bem como convertendo todos os sons em palavras portadoras de uma intenção. Para a psicanálise, o engajamento de uma mãe nessa direção é função da posição inconsciente com relação à castração e, portanto, à *ideia inconsciente de pai*,⁵

5. A proposição do sintagma faz referência ao texto de Freud *Totem e Tabu* (1912-13[1973]). Freud interroga a emergência das ideias religiosas, sua natureza inata ou artificial, concluindo que as mesmas derivam da fabricação mundana e, portanto, discursiva da figura do pai.

não dependendo dos conhecimentos linguísticos e científicos que ela dissesse ter. Diferentemente de Itard, essa foi a posição a partir da qual Anne Sullivan se dirigia a Helen.

O dispositivo colocado em ação por Itard estava estruturado a partir da recusa sistemática do desejo. Não era mais do que uma espécie de arapuca pedagógica, pois fosse qual fosse a resposta de Victor nos exercícios de estimulação metódica, ele nunca foi considerado como alguém animado por um desejo a ser reconhecido. Assim sendo, se ele não respondia conforme o esperado, era porque não tinha compreendido. Se, ao contrário, respondia corretamente, o médico pensava que se tratava de um mero acaso. Se finalmente chegava a falar, então tinha sido sem intenção de informar sobre uma necessidade a ser satisfeita. A fala de improviso, bem como aquela que era esperada, mas que tinha sido dada fora dos parâmetros previamente estabelecidos, era julgada como a expressão da natureza selvagem do menino. Ao mesmo tempo, responder como previsto, significava para Victor convalidar sua própria morte psíquica, na medida em que a demanda pedagógica o reduzia à condição de objeto de gozo para Itard. Nessas situações, o médico repetia a intervenção sob a forma de contraprova para assim se assegurar de que a resposta era aquela mesma que esperava. Jean Itard condenava Victor, inconscientemente, a escolher entre dois destinos: entregar-se à frenética ecolalia ou simplesmente não responder, ficando totalmente perdido perante a demanda numa espécie de colapso psíquico.

Victor encarnava seja a natureza sonhada por Itard, seja o oposto, a selvageria. Porém, contrariamente ao que poderíamos supor, embora Victor pudesse não responder como esperado, ele nunca decepcionava o médico. De fato, este tinha sempre a seu alcance uma explicação para assim restaurar o narcisismo contrariado por um selvagem resistente à civilização das Luzes. O lugar reservado para o garoto nesta história consistia em ilustrar a verdade apodítica da reflexão itardiana. Em suma, desde o início, o médico-pedagogo tinha garantido para si, no fantasma, o sucesso, graças à saudação

elogiosa: *Itard victor!* O sintagma “*Itard Victor*” reenvia à saudação romana da vitória – *Caesar victor!*⁶ Como Itard fantasiava que a história teria um fim glorioso, escolheu então “por acaso” o nome de Victor para o garoto. Por sinal, devemos lembrar que este não teve nome durante os cinco primeiros meses passados na casa do médico e só veio a ganhar um quando Itard concluiu que a criança era sensível à voz humana, bem como, em particular, à exclamação “*oh!*” da Senhora Guérin. O médico tinha notado que, a cada exclamação dela, a criança virava a cabeça. Ele fez então vários testes, variando a entonação, até deduzir que havia “uma preferência pela *o*” e, assim, escolheu um nome que terminasse com essa vogal. Pois bem, se concordamos que não temos o hábito de batizar nossos filhos a partir de um cálculo audiométrico semelhante, devemos então deduzir que aquilo que o gesto de Itard desenhava no horizonte era precisamente a recusa da diferença entre a criança e o adulto, que estando no âmago de toda experiência educativa, faz da educação uma profissão impossível, no dizer de Freud. Portanto, *Victor* não era mais do que um simples fragmento da holofrase *ItardVictor*.

No seu texto, *Itard e seu selvagem*, Octave Mannoni (1969[1973]) afirma que o médico foi incapaz de aprender a partir de seu fracasso. Para isso, ele deveria ter suspeitado que a suposta selvageria do garoto só existia nos seus sonhos de médico supostamente civilizado. Itard se encontrava numa situação estruturalmente equivalente àquela da psicologia como campo de saber, conforme Foucault (1954[1966]) afirmara, que era incapaz de arrancar o segredo à loucura que ela mesma fabricava discursivamente. A marca de origem – selvagem – adquirida no bosque do Aveyron não largava Victor. A natureza selvagem era um prolongamento imaginário da dedicação à ciência do jovem médico parisiense. Nesse sentido, bem podíamos parafrasear o título do texto de Mannoni e, assim, afirmar: *Itard é seu selvagem*.

6. Como *victor* em latim significa vencedor, o sintagma *Itard victor* afirma “Itard é o vencedor”.

As cartas de Anne Sullivan e os livros de Helen Keller permitem situar a experiência por elas vivida no polo oposto do tratamento médico-moral de Itard. Não há dúvida de que a posição de educadora de Anne Sullivan, a sua forma de endereçar a palavra a Helen, é diferente daquela do médico. E isto não é sem consequências. Essa diferença torna precisamente possível a emergência da palavra na pequena, apesar da surdez e da cegueira.

Nas cartas da jovem educadora aos amigos de Boston transparecem suas incertezas, suas dificuldades ligadas à cegueira, não apenas com aquela quase cegueira no sentido próprio que a fazia lacrimejar e que tornava seus olhos sensíveis à luminosidade, mas aquela em sentido figurado, aquela falta de luz no final do túnel da travessia que ela tinha empreendido ao aceitar o emprego na casa dos Keller. Anne confessa que não sabe até onde poderá levá-la sua implicação na educação de Helen, mas que ao mesmo tempo é incapaz de abandoná-la. Por sinal, ela não aceitou o emprego por pura filantropia ou porque se sentia investida de alguma missão redentora qualquer, porém, simplesmente, porque precisava de um emprego para ganhar o primeiro salário da sua vida. Como ela mesma escreve em uma das cartas, tinha aceitado o emprego “forçada pela necessidade de ganhar a vida” (Keller 1903, p. 179). Talvez, para além da necessidade evidente de ganhar um salário, a declaração de Anne devesse ser escutada de outra forma: tratava-se do imperativo de conquistar um lugar na vida, um lugar de enunciação em nome próprio para além do destino funesto que lhe estava reservado quando de sua entrada no asilo de Tewksbury, junto de seu irmão caçula. Assim sendo, a sua postura não era a mesma que a do Itard que tinha se engajado na experiência em nome da ciência e de seu iluminado progresso, tendo como pano de fundo uma aposta de prestígio com o célebre Philippe Pinel.

O filme de Arthur Penn nos mostra uma Anne Sullivan que avança às cegas, sem objetivos claros e precisos. Ela não reflete cientificamente sobre a sua prática,⁷ como o faz Itard. Anne queria simplesmente falar com Helen e para tanto recorria à única forma possível quando se trata de um interlocutor cego e surdo - o alfabeto manual. Por sua parte, Itard não *falava com* Victor, porém *sim falava dele* para outros através de seus relatórios, em particular endereçados a seus colegas da *Société des Observateurs de l'Homme* e ao ministro do interior.

Tudo indica que os conhecimentos psicolinguísticos que Anne possuía eram rudimentares. Ela compartilhava a mesma ideia associacionista de Itard – falar é associar signos a coisas destinadas a satisfazer uma necessidade. No entanto, a sua posição enunciativa não era a mesma que a do médico. Anne Sullivan agia com Helen tendo a convicção de que a pequena não só era capaz de se comunicar, senão que possuía uma mesma inteligência linguística que ela e, portanto, que habitava simplesmente a linguagem. A convicção era tal que, quando se tratava de justificar o progresso de Helen no diálogo, a justificativa dada era rudimentar: como o cérebro de Helen possui todas as ideias, então só é necessário ter um pouco mais de paciência para poder estabelecer um diálogo que se preze. Porém, a precariedade da reflexão teórica de Anne em nada comprometeu esta verdadeira experiência educativa, da mesma forma que ela em nada incide na educação de qualquer outra criança, quando as condições inconscientes de possibilidade que tangem ao desejo adulto estão de fato dadas.

Anne desejava falar com Helen. Ela tinha algo a lhe dizer, assim como queria escutar alguma coisa dela. Este

7. A reflexão de Itard não implicava nenhum “trabalho clínico” e, portanto, tratava-se da simples “análise reflexiva sobre a prática” proposta pelo discurso pedagógico hoje hegemônico, conforme a diferenciação estabelecida por Blanchard-Laville (2013, p. 4).

“dela” faz tanto referência à Helen no sentido de que Anne queria escutar algo dela, mas também que Anne queria escutar algo dela mesma, de sua própria intimidade. É graças às cartas que sabemos que Anne tateava no seu papel de educadora. Talvez o imperativo de “ganhar a vida” do qual falara na correspondência a seus amigos fincasse suas raízes nessa escuridão de objetivos e métodos nada claros e distintos. Nesse sentido, o filme de Arthur Penn soube transmitir o que estava em jogo na experiência. Ele dá a ver uma jovem acuada à noite por fantasmas e lembranças de infância. Isto é, a educadora, como sua própria aluna cega, tateava também na escuridão.

Assim sendo, quando a educadora escrevia suas cartas, ela não tinha a mesma atitude do médico quando escrevia relatórios científicos. É verdade que devemos dar a Itard certo desconto, pois o destinatário determina o tipo de mensagem. Por sinal, todo estudante aprende logo, às voltas com o discurso universitário, a não expressar muitas dúvidas nos seus trabalhos escritos. Porém, por outro lado, não devemos esquecer, como apontava Lacan, que o emissor recebe sua própria mensagem de forma invertida. Portanto, para além da contingência dos destinatários dos relatórios de Itard e das cartas Sullivan - os sisudos colegas de confraria científica e os amigos da escola para cegos - aquilo que sempre prevalece é o endereçamento inconsciente, a forma do adulto endereçar a sua palavra a uma criança singular.

Itard – diferentemente de Anne – nada queria saber de tatear na escuridão, de ter que se haver com personagens fantasmáticos e lembranças de infância, ou mais ainda com perder-se nos sonhos para assim vir a se descobrir outro. A educação de Victor nada mudou da relação de Itard consigo mesmo. É verdade que, no momento de sua morte, ele já tinha alcançado a celebridade, mas continuava tão solitário e reservado quanto antes.

Por outro lado, as reminiscências infantis sobre as quais Anne Sullivan se interrogava tinham sido reavivadas

pela sua própria implicação na educação de Helen. Elas não cessavam de não assombrá-la, reclamando assim serem reconhecidas, acolhidas. Foi justamente essa interrogação, com a qual Anne tinha se implicado, o que permitiu o relançamento da simbolização do real da diferença adulto-criança inerente a todo encontro educativo. Essa implicação de Anne possibilitou à palavra fazer seu trabalho e, assim, vir a relançar o desdobramento da conquista de um lugar de enunciação em nome próprio, de palavra para cada uma das protagonistas.

A implicação de Anne nesta história pode ser comparada àquela de Sigmund Freud tal como apresentada no clássico filme de John Huston *Freud além da alma* (*Freud, the Secret Passion* 1962). O Freud representado no filme encontra-se às voltas com a invenção da psicanálise e a descoberta do Édipo; trata-se do período dito da autoanálise. O título da versão brasileira do filme assinala que, para além da pretendida clareza da alma, a travessia necessária para se conquistar um lugar de fala numa história consiste justamente em tatear na escuridão das paixões e reminiscências mais ou menos secretas como, por sinal, acontece em qualquer psicanálise. Ao mesmo tempo, esse trabalho deve reconhecer à palavra o poder de nos guiar, milagrosamente, como um fio de Ariadne pelo labirinto da experiência.

A invenção da psicanálise é o resultado da cura pela palavra de Sigmund Freud levada adiante em ressonância com aquela de seus pacientes. O complexo de Édipo não é descoberto, nem nos pacientes, nem nele mesmo. Ele é elevado ao nível de peça da metapsicologia à medida que a experiência de simbolização do *isso*⁸ que sempre resta no campo da palavra e da linguagem e do qual goza todo sujeito. Em suma, o inconsciente não cessa de não insistir na

8. Forma de se traduzir ao português o termo freudiano *Id*.

experiência linguageira.⁹ Freud poderia não ter escutado esse discurso Outro que é o inconsciente. Ele poderia ter reproduzido a mesma surdez que prima no laço social cotidiano e, assim, não teria sido, de fato, Sigmund Freud. Nesse caso, teria “descoberto” nos pacientes as mesmas realidades “descobertas” pelos seus detratores de antes e de hoje – a fadiga moral, a degeneração neuronal, a disfunção cerebral mínima *etc.* Freud simplesmente renunciou a reproduzir a inercial estratégia hegemônica de naturalização silenciadora. Dessa forma, conseguiu desconstruir a operação discursiva produtiva de sintomas no interior da única realidade que importa para nós humanos, aquela mesma da linguagem onde a experiência da palavra é possível.

O que importa aqui é precisamente a disposição de Anne para avançar na travessia da experiência da educação de Helen. A sua implicação subjetiva *para além da alma* – parafraseando o título da versão brasileira do filme de John Huston – convoca e renova a potestade milagrosa da palavra. A maneira de se implicar testemunha a sua posição com relação ao desejo e à castração. Sem essa implicação pessoal e íntima da parte de todo adulto, a palavra vira palavra morta, incapaz então de reabrir e subverter os destinos reservados tanto ao discípulo quanto ao mestre.

Educar é – conforme venho insistindo há anos – colocar em circulação traços simbólicos, transmitir significantes que permitam à criança a conquista de um lugar a partir do qual o desejo seja possível. Em suma, é o inverso do que

9. “Isso que se realiza na minha história não é o passado definido do que foi porque não é mais, nem tampouco o perfeito do que foi no que sou, mas o futuro anterior do que eu terei sido para aquilo que eu estou a devir” (Lacan 1953[1966, p. 300]).

Itard colocou em ato com Victor e isso mesmo que, justamente, Anne fez sem o saber.

A dita aquisição da palavra é o resultado da operação de um sujeito do desejo na criança. Ela pode ser considerada a marca por excelência da sujeição desiderativa a uma língua qualquer. Isto é, a palavra é o efeito *princeps* de uma educação primordial bem sucedida. A precariedade da palavra de Victor denota um fracasso do dispositivo educativo colocado em ato por Itard. No entanto, nunca saberemos qual teria sido o destino do garoto, caso não tivesse caído nas mãos do inventivo e tenaz médico. Pelo contrário, a loquacidade de Helen, bem como a sua rica biografia o testemunha é, sem dúvida alguma, a marca de uma educação exitosa.

Por que falamos? Para ensinar e interrogar. Que coisa? Aquilo que supomos ser a verdade. Embora os animais se comuniquem, a dimensão da verdade não lhes diz respeito. Sigmund Freud, contrariamente ao Dr. Itard, mas também à Anne Sullivan, não entendia que o homem entrasse na dimensão da verdade graças ao contato sistemático com as coisas. Ele entendia que isso acontecia através da *ideia de pai*. O pai é uma ideia *sui generis* porque ela é sem significado, ela é inconsciente. Mais ainda, trata-se da ideia diretriz do mundo das ideias, a saber, o campo do discurso. Em suma, a *ideia de pai* é um *significante* e, portanto, chamado de *significante Nome-do-Pai*, segundo a formulação lacaniana.

Todo sujeito que fala não faz mais do que inventar uma *ideia de pai*, isto é, um *pai morto* ou vazio de significado, para assim colocá-la no lugar do *pai imaginário*, de uma mãe, de um educador ou de uma professora qualquer. A *ideia de pai* possibilita o agenciamento de uma resposta à interrogante *princeps* e irreduzível do *desejo* perante o qual todo sujeito é confrontado no interior do campo da palavra e da linguagem. Em outras palavras, falar é conjugar a dialética edipiana.

O que estava entranhado no dispositivo discursivo chamado *medicina moral* que fora destinado ao Selvagem do

Aveyron? Simplesmente, o estilhaço das coordenadas mesmas da dialética edipiana e da emergência da palavra. Nesse sentido, para que Victor viesse a ter chances de se safar do destino funesto que lhe fora reservado, teria sido necessário que sua educação participasse do espírito daquela de Helen. Pois bem, não se tratava de *curar moralmente* Victor ou de lhe extirpar seu estado selvagem, mas de deixar germinar nele a possibilidade de produzir uma *ideia de pai*, para assim focar o interrogante do desejo que todo adulto deve testemunhar em uma educação. É justamente essa ideia que, à maneira de bússola, teria recolocado Victor nos trilhos do discurso e da palavra. As chances dele ocupar um lugar de enunciação em uma história eram poucas, desde o início, em se considerando o tipo de engajamento subjetivo da parte do médico na experiência.

Como Itard massacrava as possibilidades da *ideia de pai* vir a operar, a entrada no registro da verdade passou a ser um ato de difícil acontecimento. A ausência dessa operação reduzia Victor ao estatuto de um animal a ser adestrado. Se, ao contrário, ela tivesse tido um lugar garantido no seio do dispositivo pedagógico, o garoto poderia ter usufruído um lugar tanto filial quanto familiar, ora como discípulo, ora como aprendiz de Jean Itard. Porém, não foi o que aconteceu. O médico nunca se deixou levar em sonhos, para se perder e logo descobrir-se amado por Victor, como todo pai o é pelo seu filho, todo mestre pelo seu discípulo. Ao contrário, Anne Sullivan sabia sem saber que Helen a amava. Mais ainda, como Anne se proibia corresponder a esse amor, fazia então operar a *ideia de pai* no miolo da educação. Bela ilustração do que eu propusera em um artigo anterior: “ensina-se por dever, aprende-se por amor” (Lajonquière 1997, p. 33).

Um adestrador de animais selvagens não é nem mestre, nem pai, nem mãe. Ele não pode parar de ser um adestrador, perdendo-se em devaneios e associações de sonhos, caso não queira perder a cabeça na jaula dos leões. Ao contrário, mestres, pais e educadores devem estar dispostos a perderem

a cabeça, pois é sabido que não conseguirão segurar a barra uma vez metidos a educar. A produção por uma criança da *ideia de pai* implica a morte ou a deflação do pai, da mãe, da educadora ou do mestre todo-poderoso que não se proíbe a si mesmo de responder reciprocamente ao amor endereçado pela criança ou pelo discípulo. De fato, mestres, pais e mães devem poder se endereçar à criança como gente comum, ou seja, referidos à castração e à lei do desejo.

Jean Itard tinha uma necessidade imperiosa de ignorar a castração. Parecia que o desejo era um *affaire* que lhe fazia literalmente perder a cabeça. Esforçando-se para não vir a perdê-la na educação de Victor, fez de tudo para poder cantar vitória antes do tempo. Em suma, fez o que não deve ser feito na educação de uma criança, pois para que esta venha a ter a cabeça no lugar, o adulto – como bem lembra a experiência da educação de Helen – deve estar disposto a perder-se, a perder a cabeça para, assim, vagar como Freud além da alma.

Toda educação cobra um preço, aquele de reconhecer o desejo que habita o campo da palavra e da linguagem e, portanto, exige renunciarmos a projetos encegueirados *à la Itard*. Condição indispensável para que uma educação possa vingar aí onde menos a esperamos.